

Cuidado de Si

saudosismo ou novidade

Roberto Curi Hallal

RESUMO: O autor destaca a importância do cuidado de si na estruturação ética e psíquica do ser humano, visando o resgate da individualidade com seus direitos e deveres. Desvincula a ética da moral buscando uma revisão dos conceitos empregados nas técnicas de cuidados com os seres humanos. Afirma a necessidade de liberar os técnicos das hipóteses de trabalho que organizam as motivações humanas. É comum supor que os homens desejam ser felizes e livres. As possibilidades opostas não costumam ser consideradas. As leituras que visam *interpretações* estariam condenadas ao pré conceito por isso introduz a importância da revisão dos métodos incluindo o *a posteriori* e a *desconstrução* como elementos fundamentais para a compreensão dos humanos. Na compreensão psicanalítica da drogadependência prioriza a leitura do conceito de *masoquismo* sobre o de *saudosismo* que costuma servir de referencial para os técnicos de saúde mental. Também propõe a revisão dos indicadores predisponentes à toxicoddependência por considerar que todo programa de prevenção depende desses elementos. Alerta para a hipertrofia no conceito evolutivo em detrimento de um outro conceito importante para a formação do psiquismo: *a resignificação das representações*.

ABSTRACT: The author points out the importance of the *care of oneself* in the ethical and psychical structuration of the human being aiming the liberation of the individuality with its rights and duties. He separates ethics from moral searching for a revision of the concepts used in the technics of care with the human beings. He states the need for releasing the health professionals from the hypothesis of work which organize the human motivations. It is usual to suppose that human beings desire to be happy and free. The opposite possibilities are not frequently considered. The readings aiming at *interpretations* would be condemned to the pre concept so he introduces the importance of the revision of the methods including the *a posteriori* and the *disconstruction* as fundamental elements to the comprehension of the humans. In the psychoanalytical comprehension of the addictions he gives priority to the reading of the concept of masochism in relation to the one of "saudosismo" (from the portuguese word "saudade", not translatable) which is the usual reference for the mental health professionals. He also proposes the revision of the indicators predisposing to drug addiction because he considers that every prevention program depends on them. He calls the attention for the overrating of the evolutive concept in detriment of another important one for the formation of psychism: *the re-signification of the representations*.

RESUMÉ: L'auteur met en évidence l'importance du *soin de soi* dans la structure éthique et psychique de l'être humain envisageant le rachat de l'individualité encadré par ses droits et devoirs. Il clive l'éthique de la morale en recherchant une révision des concepts employés dans les techniques de soins pour les êtres humains. Il soutient le besoin de libérer les techniciens des hypothèses de travail qui organisent les motivations humaines. Il est normale de supposer que les hommes désirent être heureux et libres. On n'a pas l'habitude de considérer les possibilités contraires. Les lectures qui envisagent des *interprétations* seraient condamnées au pré-concept, c'est pourquoi elles introduisent l'importance de la révision des méthodes en incluant le *a posteriori* et la déconstruction comme des éléments fondamentaux à la compréhension des humains. En ce qui concerne la compréhension psychanalytique de la toxicomanie il donne priorité à la lecture du concept de *masochisme* sur celui du "saudosismo" (du mot portugais "saudade", sans traduction) que d'habitude sert de référence aux techniciens de santé mentale. Il propose aussi la révision des indicateurs prédisposants à la toxicomanie donné qu'il considère que tous les programmes de prévention dépendent des ces éléments là. Il attire l'attention sur l'hypertrophie dans le concept évolutif en préjudice d'un autre concept également important à la formation du psychisme: *la re-signification des représentations*.

Ah, deixem-me sossegar.
 Não me sonhem nem me outrem.
 Se eu não me quero encontrar,
 Quererei que outros me encontrem?

F.Pessoa – 1930

Vivemos numa era de imediatismos em que cada vez mais os homens mostram-se ávidos de realizações pessoais e forjam suas identidades pela busca de soluções simples, tranquilas e alcançáveis, vivendo no aqui e agora. Por acreditarem mais em si mesmos e menos nos outros, rompem com a prioridade da disciplina e do dever, ao mesmo tempo em que defendem cada vez mais os direitos que lhes são próprios. Os sistemas macro são vistos com descrédito e a consciência adquirida pela globalização da informação já não permite a divisão do mundo em bom e mau, em forte e fraco. Frente a esse quadro, a indagação mais vigente consiste em buscar saber qual a ética do momento.

O descobrimento dos armamentos dos países mais poderosos, suas ideologias, a degradação do meio ambiente, o abandono das grandes populações, a ausência de ídolos, a desmistificação das grandes corporações, a corrupção dos políticos, a banalização da violência e a erotização da morte deixam marcas profundas na formação dos jovens que assistem à derrocada do complexo mundo moderno e à ascensão dos conceitos pós modernos.

Por um lado vemos os humanos e suas aspirações cada vez mais humanizadas em busca de referentes menos hipócritas e deveres mais ao alcance de serem cumpridos. O privilégio da individualidade, que acompanha o decréscimo dos valores tradicionais, remete ao relativismo dos valores, quer conceitualmente, quer na revisão das práticas e seus serviços.

Assim, a revalorização do conceito de *narcisismo* transcende, mesmo popularmente, a idéia de egoísmo, para chegar ao valor de cuidados de si mesmo, cuidados estes que, antes de serem um saudosismo, passam a constituir-se como novidade. O cuidado de si ultrapassa os conceitos, a vontade, a convicção, o gosto, os sentimentos e tantas outras formas de auto-expressão de afirmações verbais, para constituir-se numa nova aspiração da humanidade do homem que, ameaçado pelas técnicas, busca ingressar num novo lugar em que caiba seu entorno – por consciência de ambiente – e um aumento da sua consciência de responsabilidade. Esta lógica individualista amplia os direitos, incluindo obrigações coletivas, justiça e cuidado de si representado pelo bom senso, a honestidade, direitos e deveres individuais.

Por outro lado, as ciências e suas técnicas, que determinariam, de certa forma, argumentos para os limites de tais liberdades individuais, criam sistemas sociais a demarcar o bom e o mau, o útil e o inútil. Ninguém duvida dos benefícios das ciências, nem tampouco da necessidade da pesquisa, naturalmente. A questão fundamental que se coloca é se entre o humano, com suas limitações, e as ciências, com suas técnicas, o intercâmbio basta. Qualquer um de nós duvidaria dessa possibilidade por saber que, enquanto animais, existimos pelo automatismo, mas enquanto sujeitos *desejantes*, constituímos uma categoria que transcende as ingênuas manifestações de nossos ideais de cultura, como o de pensar em categorias de bom e mau, belo e feio, normal e anormal. A inclusão do desejo coloca qualquer conceito de liberdade individual sob suspeita, porque o sujeito desejante não é o mesmo sujeito das vontades expressas na consciência. Enquanto a vontade expressa, geralmente, o ideal sonhado, o desejo remete ao impossível.

Os cuidados do sujeito consigo mesmo requerem uma revisão. Os méritos do ressurgir humanista oferecem ao homem uma urgência de pessoalidade, o que nem sempre é acompanhado da aspiração que cada um possa ter a respeito de sua concepção de mundo. Lipovestky nos chama a atenção: “mais do que nunca a ética se revela necessária, mais que nunca se vêem seus limites, e às vezes seus riscos... a política e a economia sem ética são diabólicas, a ética sem o conhecimento, a ação política e a justiça social são insuficientes. Tratemos de não criar o anjo para que não apareça o demônio, a verdadeira defesa da ética passa pela crítica da *eticidade*. O que necessitamos não é da exortação à virtude pura, senão da *inteligência responsável* e do *humanismo aplicado*, os únicos capazes de estar à altura dos desafios da época.”

Nem por isso vos proponho a retomada de um amor ingênuo, a contemplação do humano simples e pueril, bem intencionado. Sempre lembro de Ralph Lynton em seu estudo sobre o Homem alertando-nos da máxima óbvia: não somos anjos caídos, senão antropóides erguidos.

Qualquer homem cheio de humanidade precisa de extremos cuidados para dizer: “eu te amo”. Como um “extra terrestre” será sempre um inadequado, um desavergonhado a revelar intimidades, ou fora de época ou fora de lugar, mesmo que seja para dizer “eu te amo” para si mesmo.

O prazer ingênuo, travestido, safado, comportado, oculto ou vestido na fantasia que o comporte, sempre pleno e irresponsável na percepção, assustadora forma de romper com a solidão e suas formas limitadas, ocasionalmente, sem pedir

licença, interrompe o nosso sono, trabalho e concentração. Como dominó preto, cobre o corpo inteiro e não mostra o rosto; mas, como palhaço, passa a constituir-se numa forma urgente de estardalhaço e de fazer rir. Se violento e imposto, o prazer rompe a candura esperada e decepcionante de quem o sofre. Se brincalhão, inclui o cheiro dos corpos e de caminhos novos, a despertar a curiosidade de fazer-se escondido. Às vezes pleno, o prazer é inconstante, insone; outras, irrigador das partes áridas do corpo de quem descobre de novo pela primeira vez. Às vezes, é perfume, bebida, praia, jeito de olhar ou lembrança; outras, é sorriso, queixo, ombro, boca ou uma nova forma de gozar. Aquele que o vive e sente, corre o risco de ser feliz. Aquele que consegue tê-lo completo em alguém, acaba preenchendo com a imaginação a sua falta. Assim como a satisfação não cabe numa só meta, o amor não cabe numa só pessoa, a satisfação num só objeto, as frases musicais numa só partitura, também a abrangência da expectativa ideal jamais será permanentemente satisfeita no real. O sujeito que percebe a vontade do prazer mobiliza-se no sentido da renúncia ou do gozo, como decorador esforçado em produzir acabamento exclui ou incluiu peças e vira sonhador e poeta criando versos sem rima, embora, às vezes, só queira possuir, deixando de lado o acessório da temura e da consideração.

O corpo fala do gozo. A renúncia dele leva à censura que, vitoriosa, parabeniza o renunciante, o qual desavisado, não sabe da conexão que une o caminho do adiamento e o da depressão, responsável por nos fazer pensar pequeno, desaproveitando os potenciais esquecidos. Ao esquecer das paixões, o coração aposentado dispara, a boca desértica seca e a coxa molha. A saudade presente é quem na esperança opõe-se à desistência. Por sua vez, a inibição não leva, amadoristicamente, a gerenciar as discórdias e a administrar a solidão. Entre mortos e feridos passamos a ser contadores de histórias passadas como se, por distantes, elas não nos pertencessem; ou como se, ocultando as paixões, pudéssemos abortá-las, por impossíveis.

A legião crescente de queixosos constituem-se meros amantes frustrados que, ao perderem o passo, não se atualizaram no cuidado de si mesmos, acabando por se tornarem vítimas da própria censura. Os prazeres entregues aos sonhos promovem o pesadelo, mas se disfarçam na vigília, na desesperança, no envelhecimento precoce, e oferecem conteúdo à acusação, perpetuando a cegueira própria de quem se esforça para não acreditar no amor. Mas, ainda que a maravilhosa memória se negue a esquecer, o prazer

volta disfarçado em sintomas, como denúncia de desejos não cumpridos. Seus disfarces combinam-se com saudades, repetições, gerenciando tédios e buscas, constituindo-se, assim, em uma oposição ao viver.

Cabe ao humano, como recurso, pensar que o prazer é atemporal, sem regras; não tem nome de pessoa, não é passível de contenção constante, é irreverente na forma e no conteúdo. E que todas as especulações em contrário são arranjos hábeis da censura, visando impedir a existência do prazer na plenitude enquanto fenômeno vital, manifestação própria do ser humano. Se os deuses controlam o prazer, proibindo-o, os humanos o sentem quando se permitem. Encantados na fascinação da estética confundida com o belo, quem de nós suspeitaria que o ser humano é capaz de satisfazer-se no desprazer? Ou, ainda, quem suspeitaria que muitos fracassam frente ao triunfo? Truques que desorganizam nossa forma lógica de pensar pois aquilo que sempre foi desejado, jamais seria danoso quando alcançado. Muitos perdem tudo o que têm por culpa de haver alcançado o desejado, outros se culpam do que nunca fizeram, como os melancólicos em suas auto acusações.

A atração pelo ingênuo, pelo acessível, pelo anti herói; a paixão pela personalidade e a busca de soluções caseiras colocam o conceito do cuidado de si mesmo com um destaque nunca antes visto na história da cultura, como propõe a filosofia pós moderna. Esta individuação multiplica os caminhos e destaca um conceito já enunciado por Freud, no fim do século passado, em torno da formação da identidade: a *singularidade*. Esta provém do respeito pelo ímpar, e, qual impressão digital suas marcas determinam a unidade jamais possível de repetir. O singular é sempre novidade, criativo, sem contradição, resultado duma amálgama de representações de mundo que se organizam como rede para determinar a personalidade de cada um.

Vivemos numa sociedade na qual a multiplicidade de escolhas coloca o indivíduo num mundo mais possível de tornar-se alcançável, onde os prazeres oferecidos pela ficção posta ao alcance das mãos autonomiza o lazer e privatiza a vida, dando, assim, uma nova roupagem à solidão, que pode vir a ser motivo de bem estar. Tudo isso faculta novas bases para a estruturação do narcisismo, novos estímulos para um projeto que pode delinear-se como autenticamente pessoal. O processo de personalização assim estruturado rompe com a cultura tradicional das disciplinas autoritárias, favorecendo que as instituições moralizadoras caiam no descrédito por falta de atualização de demandas. Dentre essas

instituições, encontram-se representadas: por um escola arbitrária, a medicina corretiva, o judicial punitivo, além de tantos outros serviços que não revisam os mitos nos quais se estruturam. A escola nos oferece mitos como o de qualificar os valores dos alunos por notas e comportamentos de obediência servil; a medicina, pelo mito do curativo, do diagnóstico e da magia da ação do medicamento; o judicial, pune através do mito de que a punição é educativa e faz internalizar a lei. Parece-nos inevitável uma revisão da concepção de universo que sustenta o exercício de cada ciência. Desde 1548, Etienne de La Boétie já nos advertia: "O povo sempre foi assim. Mostra-se disposto e devasso para o prazer que se lhe oferece em forma desonesta, e insensível ao dano e a dor que padece honestamente."

Se indagados acerca dos lugares formadores dos indivíduos, todos afirmaremos ser a família, pois é ela, em princípio, a responsável pela vida das crianças. Entretanto, limite o valor de referencial único que se atribui às famílias na formação dos cidadãos por considerar que a escola é introduzida cada vez mais precocemente na vida das crianças. Atualmente, no Brasil, inúmeras crianças são enviadas, com um ano de idade, a lugares de cuidados: são pré-escolas, creches, escolas de arte, etc., várias denominações que não encobrem, todavia, a precocidade com que se introduz os extra-familiares na vida das crianças.

Por outro lado, qualquer consideração acerca da família e de sua importância quanto ao direcionamento da formação dos filhos não pode deixar de relevar os meios de comunicação, que hoje se constituem em mais um membro da família a oferecer-se como modelo educador.

O compromisso coletivo da educação ultrapassa a porta de entrada das casas e atinge a comunidade como um todo; portanto, parece inegável que a educação se dá em todos os lugares frequentados pelas crianças e pelos jovens. Por isso, a evolução da democracia permite a revisão da qualidade dos educadores, a escolha dos políticos e, mais profundamente, a revisão da ideologia em que se organizam as famílias. É pela revisão deste conjunto que podemos avançar no sentido de abandonar a hipocrisia contraditória das propostas ideais com que se educam os jovens e o modo como vivem como adultos.

Assim, num referencial mais amplo, o uso do conceito *ambiente formador da personalidade* inclui novos indicadores participantes da formação dos indivíduos, diluindo as responsabilidades.

As mudanças acontecidas nos conceitos de individualidade, assim como a reformulação dos ideais do encontro grupal

como aquele que a família proporciona, além da ruptura com um passado idealizado, incompatível com o momento, remete-nos, inevitavelmente, a buscar novas tentativas de aproximação com a realidade, renunciando utopias e aceitando o fato de as organizações, em todos os níveis do social, sofrerem indefinições em suas metas e seus objetivos. A família, como parte do extrato social, obviamente também é alcançada por essa polêmica das interpretações plurais sobre direitos e deveres. A eminência destas questões torna necessário que a ética e a estética sejam retomadas como valores capazes de oferecer formas de integração entre o ser humano e as técnicas das ciências. Não uma ética ideal, cada vez mais desacreditada por impossível de ser alcançada, mas aquela contingente às práticas individuais e coletivas a serviço dos humanos. Os jovens estão cada vez mais descrentes dos grandes sistemas, buscando, isoladamente, soluções sem outros interesses que ultrapassem o pessoal. Alguns fundamentos desta ética caracterizam-na como acessível, respeitadora do homem e de suas limitações; ela é singular como os humanos e tem uma dimensão humanista; sem euforias busca tornar a vida a arte do possível, abandonando mandamentos. Possibilita sonhos realistas e propostas flexíveis, despadroniza o padrão, acaba com a generalização e reveste as técnicas de posturas humanistas. A questão conceitual que nos interessa ao debate sobre toxicomanias abrange a ética do corpo e o cuidado de si. Pensar a ética do corpo supõe falar da definição clássica de uma ciência especulativa que tem por objeto a ação e a conduta humanas, procurando justificação racional para os juízos de valor sobre a moralidade. Ou, dito de outra forma, um conjunto de normas que visam domesticar o indomável ser humano. Quando, porém, a ética passa a ser estudada em sua dimensão de consciência moral como estrutura no psiquismo, vemos que ela não é única e indivisível. Comportamos várias éticas, dependendo da hora e do lugar, embora que algumas bases componentes da ética como um todo estarão presentes em todas as suas facetas. Assim, o incorruptível, por exemplo, o é em todas as circunstâncias; mas a tentação do sexo poderá ser mediada pela ocasião fazendo diferir a conduta, de acordo com a urgência e o segredo. Esta forma de leitura da ética permite seu enfoque não restrito ao par ética-não ética. Lipovetsky nos diz que a ética contemporânea da felicidade não apenas é consumista, como de essência ativista, construtivista, capaz de otimizar nossos potenciais. Para este autor, a cultura da autodeterminação individualista alcançou a esfera

moral: a época da felicidade narcisista não é a do tudo está permitido, senão a de uma moral sem obrigação nem sanção. Lipovetsky cita duas tendências antinômicas que modelam nossas sociedades; uma excita os prazeres imediatos, como a droga; a outra, privilegia a gestão “racional” do tempo e do corpo, o “profissionalismo” em tudo, a obsessão da excelência e da qualidade, da saúde e da higiene.

O corpo é um dos lugares mais nobres dos humanos; é através dos cinco sentidos que “sabemos”. Este saber, que se manifesta por *representações*, não é um saber ingênuo. Ao contrário, ele determina a posição do sujeito, já que para a psicanálise o sujeito é aquilo que acredita ser que é. Em outras palavras, o sujeito é o que suas representações lhe permitem ser. Estas, ficam como saudades ou cicatrizes, descrevendo silenciosamente as marcas mais sublinhadas da história que cada um mapeia e da qual se investe. Apoiada na *representação de corpo* está outra forma singular, que é a *representação de palavra*. As palavras que contam a história de cada um são “ruidos” que adquirem significado para o narrador através das representações. Assim, a multiplicidade do uso de qualquer palavra adquire a função de um “coringa”. Tomemos, por exemplo, a palavra *terno*: tanto poderá significar uma peça do vestuário, como o sentimento de ternura; o sentido quantitativo numeral três, bem como uma referência ao jogo de bingo quando são completadas três casas; ou, ainda, no sentido epistemológico, de tríade.

Chegamos ao século dos indivíduos (e de suas representações) que se sabem uns mais, e outros menos — proprietários de suas singularidades. Como uma natural consequência desta demanda, a educação e a saúde (se é que podemos separá-las) só sobrevivem se individualizadas; a ética, igualmente, só será respeitada, se individualizada. Os grandes sistemas são impossíveis de serem geridos, as grandes e centralizadas normas são impossíveis de serem cumpridas, inclusive por quem as defende. Os jovens sabem disso e observam o alto custo que isto representou para as gerações passadas. Por isso, eles buscam projetos menores, mais ao seu alcance. Assim, a vida, que era para ser um monstro industrial pré-programado, passa a ser trabalho de artesão que tenta esculpí-la tornando-a arte do possível. Diminuídas as dúvidas, diminuídas as culpas, abre-se o caminho para uma educação que introduza a responsabilidade como direito de preservação do bem-estar, e não mais como um dever a justificar a culpa e o sofrimento como parte natural da existência. Busca-se uma prevenção contra *os perigos* da vida, o que difere da prevenção contra a vida.

A forma e o conteúdo como os profissionais de várias

áreas lutam contra esta nova dimensão de responsabilidade que tenta incluir “valor do indivíduo e interesse coletivo, convida a uma ética de prudência que rechaça os extremos, porém que não transige com o imperativo da dignidade e da liberdade individual. Igualmente importante é a inclusão do risco-benefício das propostas providas dos conhecimentos disponíveis, dentre os quais os conceitos psicanalíticos. Creio que algumas considerações certamente serão úteis para que se repensem enfoques teóricos: a forma como se consideram os pais como modelo psíquico para os filhos é, sem, dúvida exagerada. Confunde-se o que em psicanálise chamamos *identificações*, com incorporações concretas dos pais (em carne e osso). A utilização da anamnese médica na investigação histórica dos indivíduos baseia-se, equivocadamente, em atos, cenas, atitudes e sentimentos, chegando-se assim a que as investigações ocupem um lugar detetivesco, remetendo o profissional, quando frente a um desvio dos filhos, acreditar saber, *a priori*, que os pais se equivocaram. Como as identificações se dão por similaridade ou por oposição, torna-se perceptível entender porque encontramos filhos de alcoólatras que jamais ingeriram uma gota de álcool, ou filhos de mãe suicida ligados à vida com uma força vital incomensurável. Como poucos, eles sabem da dor de conviver no caos desorganizador ou da dor da perda de tal forma, que estes indivíduos se identificaram com outras produções de seus pais que não aquelas que seriam consideradas negativas pelo observador externo.

O psiquismo se organiza por *representações*. Essas representações articuladas compõem um sistema, uma rede que, por sua vez, comporta identificações. As identificações são processos que servem como vias de facilitação para a expressão do desejo. Essas identificações com o narcisismo, compõem o psiquismo. A ordem das redes não obedece ao tempo cronológico; seu tempo é singular e, por isso, denominado de temporalidade. Como o tempo da história em sua linearidade não se hierarquiza, seu interesse para a evolução e o desenvolvimento de cada pessoa, é relativo. O sujeito psíquico assim constituído é mais do que um conglomerado de vivências e experiências. Todo humano, ao ingressar na adolescência, faz um luto pela criança que deixa de ser. Remetido pela biologia, o ser humano, no surgimento da sexualidade secundária, é levado, pela cultura, ao abandono da endogamia partindo em direção à exogamia. A criança que cada um foi ocupará um lugar que depende de uma elaboração a que chamamos *resignificação*. Quando ocorre a

passagem da infância (criança frágil, porém protegida por pais ideais muito potentes) para a adolescência (adolescente frágil, com pais desidealizados também frágeis) a decepção é muito grande e muitos, no momento da resignificação, não encontram condições de aproveitamento útil para todo potencial adquirido ao longo da sua história.

Cabe pensarmos nos conceitos de *desperdício* e de *reciclagem* aplicados ao ser humano. Constatamos os potenciais desperdiçados por cada indivíduo, em consequência disto, a título de uma proposta terapêutica, a desconstrução estaria utilizada como um reaproveitamento reciclado do que cada um é.

Como expressou poeticamente Fernando Pessoa:

*A criança que fui chora na estrada.
Deixei-a ali quando vim ser quem sou;
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,
Quero ir buscar quem fui onde ficou.*

(1933)

Podemos dizer que assim esses humanos chegam a um momento evolutivo de suas vidas com pouco ou nenhum capital. Neste momento, ocorre uma *repressão* significativa naquelas marcas que constituíam suas identidades. Isto nos permite entender porque jovens que não apresentaram nenhuma manifestação preocupante na infância passam a mostrar o outro lado da moeda na adolescência. Muitas psicoses e drogadependências surgem como consequência desta impossibilidade de chegar a novas etapas sem o aproveitamento total das representações anteriormente ordenadas a serviço do bem-estar. Diríamos que, neste caso a resignificação desordena o ordenado, sem uma reorganização adequada para aquele indivíduo. Portanto, o que determina o valor de cada incorporação é a reordenação das representações *a posteriori*, que se organizam à revelia das vontades e dos valores de consciência como a moral e a liberdade. Por isso podemos afirmar que o sujeito é muito mais ator do que autor da própria história. Muitas escravidões consentidas se oferecem para ao longo da existência, muitas vezes, no *a posteriori*, tornam-se uma servidão voluntária. É nesta linha de pensamento que um drogadito usa droga argumentando que o faz porque é livre ou porque lhe faz bem.

Como ao falarmos do ódio sempre o pensamos nas formas exageradas de sua manifestação, repudiamos quando pensamos odiar, substituímos a palavra ódio por raiva, ou outro eufemismo qualquer que diminua o impacto que a palavra

ódio provoca. Muitas teorias psicanalíticas utilizam o conceito do ódio por si mesmo para expressar a compreensão da dinâmica psíquica do toxicômano. Assim, o ódio como expressão patológica, determinaria a agressão presente no toxicodependente. Esta concepção tem servido de base para muitos tratamentos onde, de uma forma disfarçada, utilizam-se punições corretivas. Por outro lado, é difícil entender como o ódio adotaria esta relevância se na teoria psicanalítica não há possibilidade da defusão pulsional, ou seja, o ódio estará sempre ligado ao amor. Entendemos que é o manejo adequado do ódio que permite o ser humano colocá-lo a serviço da auto conservação. Dizemos que o ser humano tem de ter suficiente ódio para mastigar o alimento e suficiente amor para degluti-lo. Acredito que, para as situações de auto agressão, não basta uma referência que se justifique a exaltação do ódio, concomitantemente, tem de haver uma repressão do amor. O anorético não come porque tem a representação de que ao comer morrerá, o suicida tem a representação de poder salvar-se através do suicídio. Assim, o amor em sua expressão final, se manifesta a serviço da auto-destruição, ao invés de estar a serviço da auto conservação e do prazer. A referência do tipo "eu adoro me drogar" mostra-nos a contradição do grave distúrbio na *identidade de percepção* do indivíduo. Para que alguém abandone o uso de drogas tem que passar por uma elaboração, um luto com todas as suas consequências. Equivale para aqueles com hábitos de longo tempo a perda de um ser querido. Os lutos tem quatro etapas ao longo de seu processo, a saber:

- a) aceitar a perda como uma realidade;
- b) choro, lágrima, dor, tristeza;
- c) ambivalência, concomitância de amor e ódio;
- d) opção por uma nova fonte de satisfação.

Todo amor impedido de sua realização sofre uma regressão no aparelho psíquico tendendo a manifestar-se como ódio. Esta transformação do amor em ódio tem sido uma manifestação freqüente nos toxicômanos por mim acompanhados. Pode soar-lhes estranho, pois, como alguém pode gozar com sua própria decadência, como o toxicômano. O conceito de masoquismo nos faz compreender que o sentido de prazer-desprazer fica secundário ao de satisfação. Por outro lado, não temos porque duvidar do bem que lhe faz o uso das drogas, se não houvesse a intermediação da satisfação ninguém usaria drogas. O que não sabemos é em que nível se dá a satisfação, se pelo prazer

do alívio da tensão ou pelo desprazer na obediência às exigências de punição. O ser humano pode se satisfazer de ambas as formas. Assim o perverso goza as custas da destruição do outro enquanto o melancólico é capaz de atormentar sua existência com idéias de haver destruído o que nunca destruiu. Concomitantemente ao cuidado, temos de averiguar o quanto de ódio cada pessoa tem envolvido na sua destruição, assim como avaliar quanto de amor potencial cada sujeito deixa de utilizar no cuidado de si.

É inevitável a associação do Amor com o bem e do Ódio com o mau. Quando vos falo do amor, não me refiro ao ingênuo, do bem querer benevolente a contemplar o nada; falo daquele amor capaz de fazer o sujeito dizer-se "não" às práticas auto-destrutivas, aquele que diz "sim" aos prazeres mais acessíveis e a uma libertação dos enganos que o homem possa se impor, por submissão às suas instâncias moralizadoras. Por outro lado, há amores que escravizam. O toxicômano é, antes de ser um sádico a quem devemos castigar, um masoquista que "ama" a droga e seus efeitos; é alguém a quem devemos procurar entender, para que a retomada dos caminhos outros, desaproveitados de si mesmo, lhe ampliem a revisão de suas paixões, a partir do que será possível uma nova postura de cuidado consigo mesmo, às vezes inaugurando um respeito por si mesmo, outras vezes inscrevendo o conceito de cidadania, de identidade, de nome, de pertinência. Por isso a referência do trabalho de luto anteriormente feita. Desta forma, oferecemos ao toxicômano vias de facilitação que permitam a resignificação, em um lugar no qual ele seja importante para si mesmo e para o mundo ao qual pertence. Nunca é demais que semelhante indagação se estenda as suas representações acerca do tempo livre e do trabalho; mas não a da concepção do trabalho como um sacrifício mal remunerado, e sim a de uma produção que lhe seja significativa, algo que lhe dê prazer e, se possível, que o sustente.

As considerações aqui traçadas pressupõem uma reformulação quanto às representações de ociosidade e trabalho, pois na concepção atual, aquilo que não signifique lucro, eficiência, retorno fica confundido com o inútil. A confusão entre produção e lucro imediato tem desmotivado muito artista. O tempo livre dedicado ao trabalho não formal é confundido com vagabundagem, e o trabalho confundido com esforço, sofrimento e exploração.

O ser humano é o mais dependente de todos os mamíferos, pois depende do outro desde que nasce até a morte. É bem verdade que lutamos por autonomias, mas a dependência ao longo de nosso desenvolvimento, mais prolongado do

que qualquer outro ser vivo, nos faz dependentes, de certa forma, ao mesmo tempo que nos possibilita alcançar níveis de inteligência única, somos também, pela mesma razão carentes de reconhecimento e necessitados de afirmação. Chamamos a essa carência, em psicanálise, de Angústia de Castração, que se manifesta ainda de uma outra forma: como o medo de perder as pessoas queridas e o medo à crítica do Super-Eu. Esta estrutura organiza ideais que podem transformar-se em tiranias a serviço de escravizar o desejo e fixá-lo sob as poucas formas de satisfação. A interpretação desse desejo é capaz de promover o engano maníaco oferecendo falsas alegrias, gozos onde o homem se destrói. Latour nos alerta que enquanto imaginarmos que nossos conflitos são questões objetivas, estaremos presos na ilusão do desejo mimético. É este desejo, e somente ele, que investe os objetos com um valor que não possuem. Em si mesmos, não contam, não são nada.

Com muita propriedade, Rozitchner afirma que a incorporação da cultura em cada criança se dá em conseqüência de culpas e ameaças que pesam sobre a sociedade como se se tratasse duma vicissitude estritamente pessoal; como algo que se deve exclusivamente à criança em relação a seus pais particulares. Ou seja, que da responsabilidade coletiva, compartilhada e igualitária, se impõe à criança uma versão individualista que faz dela réu num mundo de inocentes. O resultado disto é que cada um tem uma representação de si mesmo, como o único pecador num mundo de virtuosos. Temendo o desamor, a criança se submete a conceitos desta ordem na tentativa de evitar o abandono total, o que se dá à custa da renúncia de desejos. Desta forma, ela se incorpora à cultura da dominação. A ambição é uma aspiração humana, mas é óbvio que os sonhos não cabem em qualquer pessoa ou situação; muitos são achatados pela realidade social e psicológica e acabam restringindo-se a horizontes estreitos. Este estreitamento das perspectivas contribui para o aparecimento a depressões crônicas, para o desemprego e fracassos no desempenho escolar. Freud afirmava que as neuroses se manifestavam, fundamentalmente, para limitar as capacidades de amar e de trabalhar, pois é nestes lugares que cada um goza ou sofre em sua essência.

A erotização do perigo, a banalização da morte e a heroicidade como componentes constantes da vida expressam o gozo e o prazer, ou, pelo contrário, a *angústia sinal* frente às situações de perigo. As fontes de riscos são muitas e a exposição ou a evitação dependem da concepção de mundo que cada um tem nas representações.

Quando falamos de angústia, tendemos a pensá-la como um sintoma. Entretanto, ela não é, necessariamente, uma expressão de patologia; ela também se apresenta sob a forma de angústia sinal. A sua utilização por parte do ser humano permite a noção de perigo e funciona como um alarme, desenvolvendo a *auto conservação*. É pelo surgimento da angústia sinal, que o ser humano se defende frente as situações de perigo. A repressão da angústia sinal tem sido responsável por muitas exposições à auto-destruição. Roland Barthes nos ensinou que o fascismo não é impedir de dizer; é obrigar a dizer. A hiperestimulação ao consumo e às conquistas a qualquer preço são sementes da corrupção, não somente a financeira, porém a corrupção da alma que, sem a mínima formação crítica das responsabilidades individuais, fica exposta à influência que desumaniza e vulgariza os valores da vida.

Nós que aqui estamos sabemos da gravidade do problema do uso compulsivo das drogas, do seu custo social, da mobilização e do prejuízo coletivo que acarreta quando à droga se associam a corrupção, a prostituição, a economia paralela e o narcotráfico o que justifica programas de medidas de ajudas urgentes. Quanto mais se difunde o uso e mais se amplia a pesquisa e a aquisição de novas drogas como oferta, mais se desenvolvem as angústias e mais se mobiliza a consciência de controle das mesmas. Porém, não menos importante, é tentarmos nossa aproximação do indivíduo que usa drogas, lembrando que a desculpabilização diminui a angústia de castração, e que para ele importa saber-se acompanhado e que, ter com quem contar, pode ser uma das bases terapêuticas acessíveis aos programas de massa. Nos toxicômanos mais graves, suas carências de cuidados vão muito mais além da Metadona; suas auto-estimas são nulas, e o efeito moralizador dos que os abandonam são um importante desencadeador de depressões crônicas que, por sua vez, agravam a necessidade de uso das drogas, que passam a ser um objeto acompanhante. Os toxicômanos mais graves são compulsivos, às vezes repulsivos; têm uma técnica de isolamento que geralmente convida à desistência, o que acaba sendo uma luta de sedução na qual uns estão convictos de que nada valem; outros, estão convictos em sua tentativa de resgatar o pouco que resta daqueles aos quais atendem. Às vezes exagerados nas utopias, na crença nos humanos, ou no resto de humanidade que se encontra no toxicômano, consegue-se um pouco, mas talvez esse pouco seja muito para quem já não contava com mais nada. De outra parte, quando o de melhor oferecermos com nossa disposição e nossa técnica, descobrimos

ser perda de tempo oferecer outras formas de ser livre, além daquela que o toxicômano escolhe; ele, por falta de demanda, prefere ficar só. Somente quando o toxicômano apresenta um desejo de transformação haverá condições de ajuda no sentido de mudança; caso contrário, o que nos está ao alcance é atender as suas urgências agudas. Nesta condição acontece um equilíbrio patológico, sem conflito. Esta forma de aplicação da psicanálise torna-se possível na medida em que se considere que os cuidados com o narcisismo servem para uma estruturação em outras bases que não a da repressão do amor por si mesmo.

A maior parte dos seres humanos não pensa, nunca aprendeu a pensar, parafraseia, mimetiza e incorpora o aprendido de ouvido. O pensamento significa uma tarefa complexa, significa capacidade de atenção, percepção, juízo crítico, formação de opinião e, finalmente, capacidade de dedução. A obviedade de que a prática do pensar não é muito difundida tem sido desprezada. A priori, quem parte deste princípio equivocado abandona esta parte do programa que é educar (*ex-ducere* = tirar de dentro para fora).

A leitura e a prática psicanalítica, como todas as técnicas da área humanista, medicalizou e psicologizou conceitos humanos. Entre a proposta freudiana de investigação científica do ser humano e as técnicas terapêuticas usadas posteriormente e largamente empregadas na rede multidisciplinar, incluem-se vários mitos que merecem *desconstrução*. Alguns fundamentos para o aproveitamento da leitura psicanalítica residem em entender que:

- a. A psicanálise hierarquiza o indivíduo como objeto de seu estudo, através dela o singular elimina o analógico, não admitindo a leitura comparativa; portanto, a psicanálise não é passível de tipologias;
- b. A psicanálise, na obra de Freud, não hierarquiza afetos, pensamentos, idéias, histórias lineares, fatos, aquilo que se revela pela palavra para dar um sentido ao inconsciente ocultado, o profundo. Calca seu modelo científico em metáforas, em estruturas de manifestações do inconsciente como: sonhos, lembranças encobridoras, sintomas, transferências, parapraxias, devaneios, chistes. São formações do inconsciente nas quais as representações conscientes são nada mais do que uma forma de *apresentação*, de acordo com a lógica da consciência e a permissão da censura. São soluções de compromisso entre os desejos e as proibições;

- c. A psicanálise não é um método interpretativo, mas construtivo e desconstrutivo;
- d. A psicanálise trata de desvendar uma rede com todos os seus elementos, fios, nós, interstícios, ao estilo série complementar, onde todos os elementos são organizados enquanto pertencentes ao sistema, e não ao valor exterior que cada interpretador dá;
- e. A psicanálise não valoriza o tempo, mas sim a temporalidade. Como tal, passado, presente e futuro são representados, ao invés de comporem uma cronologia lógica para o observador. Não prioriza o enigmático de cada esfinge, não enfoca a família de carne e osso, nem a história narrada é considerada fidedigna, a ser recortada como causal, pois a psicanálise não se pauta pela relação de causa e efeito;
- f. A psicanálise não se ocupa em recuperar o passado perdido, senão em constatar a atualização, no presente, de modalidades míticas do indivíduo (regressão); não tem por objetivo exorcizar o que não pode ser vivido, pensado, desejado, mas sim descobrir os caminhos pelos quais estas modalidades foram desviadas, não contidas. Esta diferença é fundamental para compreender-se a repressão, que não corresponde ao modelo hidráulico, senão ao modelo de vias de facilitação acessórias. Afasta-se, assim, do modelo que propõe o falar como função excretória de descarga dos afetos. A psicanálise hierarquiza a *conscienciação*, a *atenção* e a *ampliação do campo de consciência* como fundamentos para o cuidado de si;
- g. Finalmente, para a psicanálise, é equivocado pressupor-se que o dito esconde o não-dito, e que o objeto último da investigação seria descobrir algo que encobre (secundário) uma essência e o valor ideal de aprimorar uma técnica que descubra a essência que todos sabemos é mítica, é a cenoura do burro de Esopo. Como meio, o equívoco planta uma utopia: a de conhecer-se algo profundo e escondido, ao buscar-se alcançar a ilusão de que uma descoberta transforma condutas.

O método psicanalítico promoveu uma revolução na epistemologia das ciências, pois rompeu com os modelos *a priori* e remeteu as ciências ao *a posteriori*, valorizando a qualificação. Sendo não causal, busca analisar conjuntos

de enunciados *desconstruindo-os*, possibilitando uma nova inserção do mesmo enunciado em outra rede de sentidos, uma nova repartição e, como tal, representados em novos sistemas, repercutindo como novidade de ação ou novas vias de facilitação. Nesta nova configuração as representações adquirem novos significados, organizando por condensação e deslocamento, como nos conteúdos latentes de um sonho. Por sua vez, a unidade que pode compor um sonho ou um sintoma não é homogênea, imutável, e, por isso, nunca passível de uma interpretação.

O discurso manifesto é um conglomerado de razões que buscam dar um sentido lógico aos fenômenos. Essas mesmas leis regem hoje a física, a astronomia, a prospectiva e a bioética. Uma nova democracia no uso e na formulação das técnicas. Os moralistas tenderão a acreditar que se instala, desta forma, a ditadura do narcisismo; mas convém não esquecermos que o homem é amoral na vida privada, um imoral imaginário e excessivamente moral na ação. O homem mostra o que tem de pior na intimidade, aos mais íntimos. Reserva a gentileza e a educação para as práticas extra-casa. Nas teorias que consideram o ser humano uma besta a ser contida, as primazias conceituais que referem ao bem e ao mal, são muito mais uma vazão de paixões a deserviço das técnicas, pois muito mais que desconstruir preconceitos, reveste-os com antigas formulações apriorísticas, que visam nivelar a etologia à biologia humana. Já não podemos falar, então, de uma moral homogênea; a primazia do individual elimina o consenso e as formas construtivas com que os humanos têm se desempenhado não confere a nenhuma teoria o direito de estigmatizar o mal. Tampouco pode-se afirmar que o ser humano seja superior, mas, convenhamos, não podemos ser comparados a organismos menos complexos.

As técnicas e seus usos múltiplos, quando colocados como uso de força transformadora e como educadora moral do ser humano, massificam conceitos e indivíduos. Chame-se catequese ou evangelização, sermão ou campanha moral de combate ao uso de drogas e exortação à higienização, o convencimento argumental pouco tem conseguido frente à fascinação e ao enamoramento do uso de drogas. Várias são as campanhas em que o conteúdo ameaçador provoca a indiferença ou o rechaço da população alvo exatamente porque lhes soa negativa e sem sentido. A consciência de responsabilidade é muito mais fruto de uma *sedução* técnica do que de um decreto do dever a ser cumprido. Quanto maior o rigor da aplicação da ética,

maiores as desconfianças dos usuários de drogas, e aquilo que poderia ser nossa intenção de os sensibilizar passa pelo "furor curandis", deixando de ser uma prevenção para constituir-se, para os técnicos, em uma obsessão calamitosa sobre o cuidado com as drogas. O objetivo certamente visava à proteção do homem no legítimo alcance do cuidado de si, mas o espírito moralizador que exalta a ameaça é uma forma de odiar o ser humano, assim também como é a indiferença com o problema. A indiferença é uma forma comum de expressão e pouco considerada, atenta-se muito mais ao amor e ao ódio, porém a indiferença muitas vezes tem contribuído a perpetuação de condutas tóxicas. Os toxicômanos foram escravos do dever e hoje se disfarçam de escravos do desejo. O castigo, a prisão, o confinamento, a internação não são, nem nunca foram, técnicas convincentes para a transformação de nenhum ser humano. Os técnicos fingem acreditar no que propõem, enquanto os viciados fingem escutá-los com aceitação. Essa afirmação não significa estarmos propondo uma ausência de programas, senão uma reformulação no sentido de que o produto que se ofereça vá de encontro à demanda dos viciados e, neste sentido, ao invés de lhes oferecer a discriminação ou o acesso controlado às drogas, é preciso romper com os discursos culpabilizadores ou liberadores, é preciso revisar a utopia chamada "tentação de deus", que faz do técnico o condutor da solução, naquele que faz ver ao cego usuário de drogas.

Importa revermos o discurso sobre a drogadição. O discurso da propaganda é capaz de vender tudo o que o consumista já adquiriu; vende até produtos para inutilidades domésticas, valoriza o que quer num nível tal, que a sua produção parecer ter nivelado as coisas com as pessoas. Assim, aquelas passam, eventualmente, a ocupar o lugar virtual de companheiros, enquanto estas (as pessoas) são descartáveis como os objetos. Que retórica é esta que consegue tanto, que é formadora de ideologias, que se intromete – com êxito – na vida privada, determinando o alimento que se pode comer, qual livro ler, que roupa usar, que serviço solicitar, qual peso ter, qual manequim ansiar por ter, além de uma infinidade de produtos que transformam a vida privada num "self service" e a mídia num grande super mercado?

O mundo todo funciona como se as dores humanas não existissem; ninguém se ocupa delas, todos a omitem, e elas acabam se constituindo em fatos, notícias, manchetes, casos clínicos, casos policiais e outras denotações, enquanto na dor, em si, ninguém toca. Seringas assépticas, evitação de "over dose", alegria a qualquer preço, zonas controladas, drogadição como expressão de livre arbítrio eli-

minam o incômodo e o incorporam como uma camisa de força de seda, linda, atraente e moderna.

O problema das toxicomanias tem sofrido vários aprisionamentos através das leituras dos profissionais que se incorporam à multi disciplinária tentativa em solucioná-lo, pois ainda são resistentes o moralismo, o preconceito, o estigma, a intolerância, a psiquiatrização, a penalização, a concepção de liberação controlada, a despenalização. As variáveis observadas dividem os grupos entre os que lutam pela liberalização e os que lutam pela intransigente e moralista forma de enquadramento, como nos faz ver o artigo de Cândido Agra, Da Rapsódia à Sinfonia. Em qualquer vertente de abordagem da toxicomania torna-se fundamental a inclusão do elemento *revitalização dos deveres morais consigo mesmo*, ou seja, a utilização simples do cuidado de si, que equivale a um cuidado com o narcisismo, sem que haja guerra, sem permissividade, sem estímulo, sem proibição.

Até hoje, temos contado com medidas repressivas do Estado, fracassadas, e com medidas liberalizadoras também fracassadas. De modo geral, as tentativas para conter as toxicomanias têm sido consideradas dispendiosas para a economia dos Estados, que priorizam a fome, a segurança, o desemprego, a corrupção dos sistemas, a pesquisa de tecnologia de ponta e a educação das populações.

Os problemas da ordem das toxicomanias sempre estiveram em programas que incomodaram as autoridades dos países, tendo merecido a atenção apenas quando associados ao crime organizado, ao caráter epidêmico em grandes centros urbanos, ou quando a estabilidade governamental tenha sido posta em risco.

Mas caberia indagar: qualquer proposta sobre o tema deve ser um tratado de Deontologia? Ou podemos recorrer a algum lugar mais acessível às urgências da propagação? Qual será o futuro destas questões?

Até aonde as sociedades têm avançado no tratamento do tema toxicomania, podemos constatar que a nós cabe estender a população propensa e ao usuário de drogas transmitindo-lhes algo mais que o nosso desconcerto. Façamos-lhes o convite a uma vida sem anestésias, onde o cuidado de si mesmo e o bem estar possam ser alcançados por essas práticas ativistas do amor a si mesmo. ■

Roberto Curi Hallal

Médico e Psicanalista

R. Gal. Tasso Fragoso, 33 - Bl. 4 - Apto. 102

Lagoa

C.E.P. 22470 - 170 Rio de Janeiro - BRASIL

BIBLIOGRAFIA

- ABADI, S., *Adicción, la eterna repetición de un desencuentro (acerca de la dependencia humana)*, Rev. de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina, 1984: 6.
- ABERASTURY, A., *Aportaciones Al Psicoanálisis de Niños*, Buenos Aires, 1971, Editorial Paidós.
- AGRA, C., *Da Rapsódia à Sinfonia – Epistema. Os modos elementares do pensamento das drogas*, Portugal, 1995 Toxicodependências, Rev. número 3 SPTT.
- ARAY, J., *Manías Tristes*, Venezuela, 1977, Monte Avila Editores
- BARTHES, R., *Mitologias*, España, 1980, Siglo veintiuno de españa editores, S.A
- BENCHETRIT, A., *El continuo "individuo-familia-sociedad"*, Rev. de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina, 1978: 4.
- BERGER, P. e LUCKMANN, T., *A Construção Social da Realidade*, Rio de Janeiro, 1978, Petrópolis Editora Vozes, Ltda.
- BLEGER, J., *Estudio de la Dependencia-Independencia en su relación con el proceso proyección-introyección*, Rev. Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina, 1960: 4.
- BOÉTIE, E. de la, *El Discurso de la Servidumbre Voluntaria*, Barcelona, 1980, Tusquets Editores.
- CARLINI, E.A., *Medicamentos, Drogas e Saúde*, São Paulo. 1995, Editora Hucitec – Sociedade Brasileira de Vigilância de Medicamentos.
- CASTELNUOVO, A., *Función respiratoria, angustia y desarrollo del yo*, Rev. de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina, 1971: 2.
- CÉSIO, F., *El Individuo y la Sociedad*, Rev. de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina, 1956: 1.
- CURI HALLAL, R.,
- *Violências Domésticas*
 - *Violências Sutis*
 - *Transferências Negativas ou Negativo das Transferências ?*
 - *Drogadição Uma Forma Perigosa de Sonhar*
 - *Adolescência Um Paradigma da Transformação*
 - *Familia: Núcleo Primário ou Secundário*
- *Escolarização Compulsória e Compulsiva*
 - *Castigo: Um Mito Educativo*
 - *A Ética do Corpo*
 - *O Outro Lado da Moeda: Meninos e Meninas de Rua e Aids*
 - *O Sequestro das Origens*
 - *Um Conto "Adultil"*
 - *Maternidade e/ou Hospital*
 - *As Psicoterapias e os Adolescentes*
 - *Liberdade: os Limites do Prazer*
 - *Violências e Acidentes*
 - *A História da Gente*
 - *Algumas Considerações Sobre Metodologia Psicanalítica*
 - *A Resignificação da História e o Surgimento da Individuação*
 - *O Prazer e a Agressividade no Homem Contemporâneo*
- OBS.** Trabalhos inéditos
- EYMERIC, N., *El Manual de los Inquisidores*, Buenos Aires, 1972, Rodolfo Alonso Editor.
- FREUD, S.,
- *O Problema Econômico do Masoquismo*, 1924, Madrid, 1948, Vol. I p.1016, Editorial Biblioteca Nueva.
 - *Inibição, Sintoma e Angústia*, 1925, Madrid 1948, Vol. II, p.1213, Editorial Biblioteca Nueva.
 - *Fetichismo*, 1927, Madrid, 1948. Vol. II, pag.505, Editorial Biblioteca Nueva
 - *Los que fracassan al triunfar*, 1906. Madrid, 1948, Vol. II, p.993 Editorial Biblioteca Nueva.
 - *Malestar na Cultura*, 1930, Madrid, 1948, Vol. III, pag.1.
 - *Totem e Tabu*, 1913, Madrid, 1948. Vol. II p.419, Editorial Biblioteca Nueva.
 - *Multiple Interés del Psicoanálisis*, 1913, Madrid, 1948, Vol. II, p.875.
 - *Psicoanálisis Aplicado*, 1910, El doble sentido de las palabras primitivas, Madrid. 1948, Vol. II, p. 961, Editorial Biblioteca Nueva.
 - *El Porvenir de una ilusión*, 1927, Madrid, Vol. I, p.1254. Editorial Biblioteca Nueva.
 - *Metapsicología*, 1913-17, Vol. I, p. 1023. Editorial Biblioteca Nueva.
 - *Psicología de las Masas*, 1921, Madrid, 1948, Vol. I , p. 1119, Editorial Biblioteca Nueva.
 - *Mas Alla del Principio del Placer*, 1920, Madrid, 1948, Vol. I, p.1089, Editorial Biblioteca Nueva.
 - *Introducción al Narcisismo*, 1914, Madrid, 1948, Vol. I, p.1095, Editorial Biblioteca Nueva.
 - *Construcciones en Psicoanálisis*, 1937, Madrid, 1948, Vol.III, p. 537, Editorial Biblioteca Nueva

- *Una Concepción del Universo*, 1935, Madrid, 1948, Vol.II, p861, Editorial Biblioteca Nueva
- FODOR, N., *El renacimiento del héroe*, Rev. de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina, 1946 -47: 3.
- FOUCAULT, M., *La verdad y las formas jurídicas*, México, 1983, Editorial Gedisa Mexicana, S.A.
- FOUCAULT, M., *La arqueología del saber*, México, 1985, siglo veintiuno editores, sa de cv.
- GARMA, A., *Sadismo y Masoquismo en la Conducta Humana*, Buenos Aires, 1970, Editorial Nova.
- GEORGIEFF, A., *El secreto: escisión o integración?* Rev. de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina, 1980: 6.
- JONES, M., *La Psiquiatría Social en la práctica*, Buenos Aires, 1970, Editorial Américalee S.R.L.
- KALINA, E., *Drogas*, Rio de Janeiro, 1991, Livraria Francisco Alves Editora S/A.
- KÜHN, H., *Los Primeros Pasos de la Humanidad*, Argentina, 1962, Compania General Fabril Ed.
- LATOUR. B., *Jamais Fomos Modernos*, Rio de Janeiro, 1994, Editora 34.
- LEVI-STRAUSS, C., *Antropología Estructural*, Rio de Janeiro, 1975, Tempo Brasileiro.
- LIPOVETSKY, G.,
– *La era del vacío*, Barcelona, 1986, Editorial Anagrama, SA.
– *El crepúsculo del deber*, Barcelona, 1994, Editorial Anagrama, SA.
– *El imperio de lo efímero*, Barcelona, 1990, Editorial Anagrama, SA.
- MANNONI, M., *De Um Impossível a Outro*, Rio de Janeiro, 1982, Zahar Editores S.A.
- NIETZSCHE, F.W., *A Genealogia da Moral*, São Paulo, 1985, Editora Moraes, LTDA.
- OSÓRIO, L.C., *Adolescente Hoje*, Porto Alegre, 1989, Artes Médicas.
- PAZ, O., *El Laberinto de la Soledad*, México, 1985, Fondo de Cultura Económica, S.A.
- PESSOA, *Obras Completas*, Rio de Janeiro, 1981, Editora Nova Aguilar S.A.
- RASCOVSKY, A., *La universalidad del filicídio*, Buenos Aires, 1986, Editorial Legasa.
- REIK, T., *El Masoquismo En El Hombre Moderno*, Buenos Aires, 1963, Editorial Sur S.A.
- RIBEIRO, J. S., *Dependência ou Dependências? Incidências históricas na formalização dos conceitos*, Portugal, 1995, Toxicodependências, Re. número 3 SPTT.
- ROLLA, E., *Sobre la Familia: concepto y significado psicosocial*, Rev. de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina, 1978: 4.
- ROSENFELD, D., *El paciente drogadicto: guía clínica y evolución psicopatológica en el tratamiento npsicoanalítico*, Rev. de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina, 1972: 1.
- ROSENTHAL, G., *El corruptor y la locura*, Rev. de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina, 1980: 3.
- SAVITT, R., *Estudios Psicoanalíticos sobre la adicción: la estructura del yo en la adicción a narcóticos*, Rev. de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina, 1966: 3.
- SEGAL, H., *El silencio es el autentico crimen*, Rev. de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina, 1985: 6.
- STERBA, R., *El psicoanalista en un mundo de cambio*, Rev. de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina, 1968: 3-4.
- WINNICOTT, D., *Libertad*, Rev. de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica Argentina, 1985: 6.